



I Encontro Estadual de Monitoria do Alto Sertão Paraibano e o III Encontro de Monitoria do CFP/UFCG

A monitoria e a formação docente e profissional

O SINTAGMA NOMINAL SOB A PERSPECTIVA DESCRITIVA

Giliard de Sousa SILVA¹⁰

Universidade Federal de Campina Grande
giliard-pb@hotmail.com

Maria Nazareth de LIMA ARRAIS¹¹

Universidade Federal de Campina Grande
Nazah_11@hotmail.com

Resumo: O presente artigo objetiva apresentar uma análise do sintagma nominal, focalizando sua natureza e constituição. Para tanto, foram tomados como base os estudos realizados por Perini (2006), em comparação com o que defende a Gramática Normativa. É um estudo bibliográfico, uma vez que nos utilizamos de estudos já existentes. O trabalho apresenta o posicionamento da Gramática Descritiva em relação ao Sintagma Nominal (SN), identificando os termos que o compõem, bem como algumas funções sintáticas por ele exercidas. Na sequência, referenciamos posições da Gramática Normativa. De acordo com Perini (2006), o Sintagma Nominal (SN) tem uma estrutura que nos permite identificar termos que se localizam numa área direita, a exemplo dos modificadores e na área esquerda, a exemplo dos determinantes, possessivos, reforços, quantificadores, pré-núcleos e numeradores. Em contrapartida, a Gramática Normativa, embora trabalhe com o SN, não usa comumente esta nomenclatura e apresenta-o apenas a função sintática de núcleo e adjuntos adnominais.

Palavras-chave: Gramática Normativa. Sintaxe Descritiva. Sintagma Nominal.

INTRODUÇÃO

A sintaxe é a parte da gramática que se preocupa com a estrutura do enunciado e com as relações dos termos na frase, ou seja, toda a relações que acontecem entre as unidades linguísticas no eixo sintagmático. Dessa forma, todas as relações que acontecem na frase são objetos de estudo da sintaxe. A partir disso, o sintagma é a construção resultante da relação entre pelo menos duas unidades linguísticas.

¹⁰ Graduando do curso de Letras – Língua Portuguesa do Centro de Formação de Professores da UFCG, Campus Cajazeiras – PB.

¹¹ Professora Doutora do curso de Letras – Língua Portuguesa do Centro de Formação de Professores da UFCG, Campus Cajazeiras – PB.



I Encontro Estadual de Monitoria do Alto Sertão Paraibano e o III Encontro de Monitoria do CFP/UFCG

A monitoria e a formação docente e profissional

O sintagma é um constituinte menor do que uma oração, e pode ser composto de uma ou mais palavras do sistema aberto e do sistema fechado. Assim como as palavras, os sintagmas têm desempenho gramatical diferenciado apresentando uma natureza morfológica específica.

Nessa direção, podemos reconhecer o sintagma nominal, que se caracteriza por uma natureza substantiva; o sintagma adjetival (Sadj.), que possui propriedades relacionadas aos adjetivos; o adverbial (Sadv.), que se manifesta como um advérbio; o verbal (SV), que possui propriedades do verbo; os preposicionados (SP), que são sintagmas precedidos de preposição. No entanto, para esta discussão, destacamos apenas o Sintagma Nominal (SN).

O presente artigo objetiva apresentar uma análise do sintagma nominal, focalizando sua natureza e constituição. Como também, comparar com o que a discussão está centrada na sintaxe descritiva, sem desconsiderar algumas posições da Gramática Normativa no que se refere ao bloco nominal que pode estar presente na oração. Para tanto, foram tomadas como base os estudos de Perini (1999, 2006 e 2010), em comparação com o que defende a Gramática Normativa. Trata-se de um estudo bibliográfico, uma vez que nos centramos numa literatura já existente.

Este estudo foi motivado pelas discussões empreendidas tanto durante o curso da disciplina de Sintaxe da Língua portuguesa I como duramente a atuação como monitor da mesma disciplina. E se justifica por nos apresentar uma análise mais coerente dos fenômenos linguísticos no contexto sintático da língua portuguesa.

Inicialmente apresentaremos o posicionamento da Gramática Descritiva em relação ao Sintagma Nominal (SN), identificando os termos que o compõem, bem como algumas funções sintáticas por ele exercidas. Depois, referenciaremos posições da Gramática Normativa.

1. SINTAGMA NOMINAL: NATUREZA E CONSTITUIÇÃO

De acordo com Perini (2006), o sintagma é um constituinte menor do que uma oração, e composto de uma ou mais palavras. Assim como as palavras, os sintagmas têm



I Encontro Estadual de Monitoria do Alto Sertão Paraibano e o III Encontro de Monitoria do CFP/UFCG

A monitoria e a formação docente e profissional

desempenho gramatical diferenciado. Tais unidades ocupam posições características e se comportam aproximadamente como os nominais. Podemos identificar os seguintes tipos de sintagmas: o sintagma adjetival (Sadj.); o adverbial (Sadv.); o verbal (SV); o preposicionado (SP) e o Sintagma Nominal (SN).

[1] Os animais estavam [feridos] (SAdj.).

[2] [Nas noites de julho], (SAdv.) Cajazeiras esfriou.

[3] Os homens do campo [aram a terra]. (SV)

[4] Meu pé [de laranja lima] (SPrep.) secou de tristeza.

[5] [Os soldados] (SN) venceram a guerra.

Para este trabalho, no entanto, nos demoraremos no SN, exemplificado no [5]. [Os soldados] é um sintagma nominal constituído de um Determinante (Det.) *Os* e um nome (N) *soldados*. Essa estrutura é apenas uma das várias que um SN pode apresentar, no entanto todas as estruturas são de natureza substantiva.

De acordo com Perini (2002), para analisarmos a estrutura interna do SN, é necessário abandonar toda a análise tradicional, por se tratar de uma análise simplista e inadequada. Mas a proposta apresentada por este autor segue definições implícitas que frequentemente são corretas. Partindo desse pressuposto, se temos um SN como:

[6] [Todos os seus cachorros de raça].

A gramática tradicional admite duas funções: *cachorros* é o núcleo e os demais termos são adjuntos adnominais. Tomando como base essa análise, percebemos que é simples demais, tendo em vista a complexidade que cada termo tem em relação ao seu comportamento e à sua função sintática. Verificando as possibilidades de posicionamento de cada um desses termos, percebemos que alguns possuem posição fixa no sintagma com poucas as possibilidades de permuta na ordem dos termos. Procuramos distinguir os termos internos do SN por meio de traços de natureza posicional.



I Encontro Estadual de Monitoria do Alto Sertão Paraibano e o III Encontro de Monitoria do CFP/UFCG

A monitoria e a formação docente e profissional

Na intenção de simplificar o estudo da estrutura interna do SN, de forma coerente, Perini (2006) dividiu em duas áreas: a esquerda e a direita. A área esquerda é composta de elementos que precedem o núcleo, já a direita é composta do núcleo juntamente de elementos que o seguem.

Vejamos primeiramente a área esquerda que é composta de seis posições fixas: determinante (Det), possessivo (Poss), reforço (Ref), quantificador (Qf), pré-núcleo (PNE) externo e pré-núcleo interno (PNI), e quatro posições variáveis. Estas últimas ocorrem nos intervalos entre as posições fixas, com uma exceção entre os dois PN, como mostra o esquema seguinte:

[Det PV4 Poss PV3 Ref PV2 Qf PV1 PNE PNI]

De acordo com Perini (1999), no exemplo [4] percebemos que há uma posição não preenchida antes de *meu* e essa posição poderia ser preenchida com *aquele*. Seguindo essa linha de raciocínio, podemos fazer o mesmo com todas as posições que compõem o SN. Porém, isso será apresentado detalhadamente no decorrer do texto.

Ainda na área esquerda, percebemos que cada posição define uma função no SN como no exemplo:

[7] Aquele meu cachorro

De acordo com Perini (1999), *aquele* em [7] possui a função de determinante, porque ocupa a primeira posição; *meu* tem a função de possessivo. Quanto às outras posições no SN temos no exemplo:

[8] Aquele seu mesmo único velho inesquecível amigo

Aquele possui a função de determinante, *seu* de possessivo, *mesmo* de reforço, *único* de quantificador, *velho* de pré-núcleo interno, *inesquecível* de pré-núcleo externo.



I Encontro Estadual de Monitoria do Alto Sertão Paraibano e o III Encontro de Monitoria do CFP/UFCG

A monitoria e a formação docente e profissional

Como posições variáveis (PV), se apresenta o numerador (Num), por ter a propriedade de ocorrer nas quatro posições marcadas como PV entre um termo e outro. Isso se dá pelo fato de os mesmos itens lexicais ocorrerem nessas quatro posições. Dessa forma, temos dez posições em que apenas sete funções são da área esquerda. Consequentemente, o núcleo no SN máximo é precedido por essas dez posições que são definidas de maneira simples em que o Det ocupa a primeira posição, o Poss a segunda, o Ref a terceira e assim por diante.

Perini (1999) explica que para realizar a depreensão das várias funções presentes no SN máximo, é necessário realizar uma depreensão por meio de SNs menores. Por exemplo, percebemos que nenhum elemento ocorre antes de *aquele* em [7] (com exceção de *todos* que será explicitado mais adiante). Assim, *aquele* deve ocupar a primeira posição em qualquer SN, enquanto a palavra *meu* e os possessivos ocorrem logo após *aquele*, sendo assim *meu* ocupa a segunda posição. Porém, há dois itens que podem aparecer entre *aquele* e *meu*: *outro* e *dois*. Exemplificando:

[9] Aquele meu pé de laranja lima

[10] Aquele outro meu pé de laranja lima

[11] Aqueles dois meus pés de laranja lima

Dessa forma, observamos que *meu* pode ocupar a segunda posição com função de Poss. *Outro* e *dois* podem ocorrer em várias outras posições no SN antes do núcleo como em:

[12] Aquele meu outro pé de laranja lima

[13] Aqueles meus dois pés de laranja lima

Adentremos agora na área direita, que comporta o núcleo e os termos que ocorrem após ele. Diferente da área esquerda, na área direita há três funções que ocorrem nesta ordem: núcleo do SN (NSN), modificador interno (ModI) e modificador externo (ModE). Exemplificando:

[14] Uma poluição sonora diária



I Encontro Estadual de Monitoria do Alto Sertão Paraibano e o III Encontro de Monitoria do CFP/UFCG

A monitoria e a formação docente e profissional

Como já vimos, *uma* é um Det. *Poluição* é o NSN, *sonora* é o ModI e *diária* o ModE. Os dois modificadores foram propostos pela necessidade de haver uma ordenação fixa como na possibilidade de exemplo:

[15] Uma poluição diária sonora

A partir desse exemplo, percebemos que os três últimos elementos não possuem liberdade de transposição como em:

[16] Uma diária sonora poluição*¹²

Sendo assim, cada item desempenha funções distintas. *Sonora* não pode ocorrer antes de *poluição*, ou seja, possuem funções diferentes e só podem ocorrer na ordem *poluição sonora* e não o inverso. Enquanto *diária* pode ocorrer tanto ante do núcleo como pré núcleo externo como ModE.

Para Perini (1999), um sintagma em que há possibilidade de preencher todas as posições, com itens léxicos, é denominado SN máximo. Um SN máximo realizado é tão longo e sobrecarregado que pode ser rejeitado por um falante. Porém, o SN máximo torna-se necessário como ponto referencial para análise de todas as posições. Vejamos como Perini (1999, p.96) exemplifica um SN completo.

[Os outros dois meus mesmos velhos amigos queridos de Salvador]

Esse SN não chega ser máximo, mas é complexo e pode ser considerado um excesso de informação. Analisando as funções de cada item temos: *os*, Det; *outros* e *dois*,

¹² *indica que não pode ocorrer.



I Encontro Estadual de Monitoria do Alto Sertão Paraibano e o III Encontro de Monitoria do CFP/UFCG

A monitoria e a formação docente e profissional

Num; *meus*, Poss; *mesmos*, Ref; *velhos*, PNI; *amigos*, NSN; *queridos*, ModI; e *de Salvador*, ModE.

Se o SN for *todos os cachorros*, teremos aqui um elemento que ocorre antes do determinante *os*. De acordo com Perini (1999) tem sido proposto que *todos* seja considerado um elemento externo ao SN e sua função seja a de predeterminante (PDet), um termo que não pertence à estrutura do SN. O predeterminante tem a liberdade de transposição na oração, sua restrição se dá geralmente em caráter semântico e pode ocorrer imediatamente antes do SN ao qual está relacionado como em [17] e ocorrer logo após do SN como em [18]:

[17] Todos os cachorros sujaram a sala.

[18] Os cachorros todos sujaram a sala.

Perini (1999) explica que alguns falantes podem até aceitar [17] como bem formada, mas percebem que *os cachorros todos* não forma um constituinte. A partir disso, podemos tomar esse exemplo como um esclarecimento para considerar que *todos* não pertence ao SN. Bem como a possibilidade de ocorrer separadamente do SN como em [19]:

[19] Os cachorros sujaram todos a sala.

Neste exemplo, o PDet ocorre após o NdP. Porém também pode ocorrer após o auxiliar [20] e depois do NpD mesmo com o auxiliar[21]:

[20] Os cachorros estão todos sujando a sala.

[21] Os cachorros estão sujando todos a sala.

Para tanto, se faz necessário especificar qual o SN está relacionado ao PDet. Essa relação é de natureza semântica. Por isso, casos como [22] ficam com restrições sintáticas:

[22] João está todos fazendo os presentes.



I Encontro Estadual de Monitoria do Alto Sertão Paraibano e o III Encontro de Monitoria do CFP/UFCG

A monitoria e a formação docente e profissional

Em [22] deveria ser possível relacionar *todos* com *os presentes*, mas não é possível. Um caso como esse é mal formado, uma vez que não há possibilidade de relacionar *todos* com *João* por justificativas semânticas. De acordo com Perini (1999), o PDet pode ocorrer na oração dentro de um SN, antes de um ModE ou entre quaisquer dois termos de nível oracional.

2. O QUE DIZ A GRAMÁTICA NORMATIVA SOBRE OS TERMOS DO SN

Para a GN, o sintagma nominal tem uma estrutura simplificada. Vejamos, por exemplo, [Meu pé de laranja lima] que, na proposta de Perini (1999), apresenta o N *pé*, o Poss. *Meu* e o mod. *de laranja lima*, na GN, teríamos apenas o núcleo *pé* e os demais termos como adjuntos adnominais. De acordo com Cipro Neto (1998), no SN [*Meu pé de laranja lima*], temos o núcleo *pé*, e os demais termos como adjuntos adnominais. Nesse exemplo, o sujeito é uma função substantiva porque seu núcleo *pé* atua como substantivo. Quanto aos demais termos, *meu* e *de laranja lima*, são adjuntos adnominais por caracterizarem o substantivo sem a intermediação do verbo.

Ainda de acordo com Cipro Neto (1998), o adjunto adnominal tem a função adjetiva por ser desempenhado por adjetivos, locuções adjetivas, artigos, pronomes adjetivos e numerais adjetivos. O substantivo (núcleo) pode ser caracterizado por um ou mais de um adjunto adnominal em qualquer função sintática que desempenhe como o exemplo:

[23] Meu sono de beleza era apenas sonho.

Nessa oração o sujeito [*meu sono de beleza*] tem como núcleo o substantivo *sono*. Relacionando-se a *sono* estão os adjuntos adnominais (respectivamente *meu*, um pronome possessivo adjetivo; e *de beleza* locução adjetival) que caracterizam o substantivo.



I Encontro Estadual de Monitoria do Alto Sertão Paraibano e o III Encontro de Monitoria do CFP/UFCG

A monitoria e a formação docente e profissional

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de que as orações se estruturam a partir de sintagmas e que estes são blocos menores que uma oração com uma estrutura peculiar cujos termos que o compõem apresentam-se diversificados, nos dá uma dimensão da complexidade que tem o sintagma.

Nesse sentido, ao longo da pesquisa, constatamos que o Sintagma Nominal apresenta termos com classificação diversificada como: predeterminante (PDet), determinante (Det), numerador (Num), (possessivo (Poss), reforço (Ref) quantificador (Qf), pré-núcleo externo (PNE), pré-núcleo interno (PNI), núcleo do SN (NSN), modificador interno (ModI) e modificador externo (ModE).

Pudemos perceber que a compreensão do Sintagma Nominal sob uma perspectiva Normativa pode transparecer limitada no que se refere à sua natureza e constituição. Isto porque a Gramática Normativa vai analisar todos os termos de um sintagma nominal, exceto o núcleo, como adjunto adnominal.

Esperamos que esta breve discussão possa contribuir para que estudantes e professores de língua portuguesa, bem como para aqueles que têm interesse pelos estudos sintáticos dessa língua, possam compreender como se estrutura um sintagma nominal, assim como a caracterização morfológica desse sintagma.

BIBLIOGRAFIA

SAUTCHUK, Inez. O estudo da sintaxe. In: **Prática de morfossintaxe: como e por que aprender análise (morfo) sintática**. Barueri. São Paulo: Manole, 2010.

PERINI, M. A. O Sintagma. In: **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 1999.

_____. Instrumentos de análise. In: **Princípios de Linguística Descritiva: Introdução ao pensamento gramatical**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.



I Encontro Estadual de Monitoria do Alto Sertão Paraibano e o III Encontro de Monitoria do CFP/UFCG

A monitoria e a formação docente e profissional

_____. **Gramática do Português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo.** 5. Ed. Rio de Janeiro: Lexicon 2008.

CIPRO NETO, Pasquale. **Gramática da Língua Portuguesa.** São Paulo: Scipione, 1998.

MORFOLOGIA FLEXIONAL E DERIVACIONAL

Janaína de CASTRO¹³
Universidade Federal de Campina Grande
letrasjana@gmail.com

Maria Nazareth de LIMA ARRAIS¹⁴
Universidade Federal de Campina Grande
nazah_11@hotmail.com

Resumo: O objetivo deste trabalho é mostrar a distinção entre os processos morfológicos de flexão e de derivação na língua portuguesa, segundo as perspectivas de Câmara Jr. (1970) e de Rocha (1998). A literatura mattosiana mostra a flexão e a derivação como processos pontualmente distintos, descrevendo o primeiro caracterizado por uma pauta sistemática e o segundo por uma flexibilidade. O estudo foi realizado através de pesquisa bibliográfica especialmente na obra *Estrutura da Língua portuguesa* (1970) de Câmara Jr. e *Estruturas Morfológicas do Português* (1998) de Rocha. Este texto se estrutura em duas partes principais: a primeira versa sobre a Morfologia flexional e derivacional para Mattoso; e a

¹³ Graduanda do Curso de Letras-Língua Portuguesa.

¹⁴ Professora do Curso de Letras-Língua Portuguesa.